



REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO

Isaac Silveira de SOUZA (G/UEG) ¹
Laodicéia Ferreira da SILVA (G/UEG) ²
Rogério Silva de ALMEIDA (G/UEG) ³
Valdilene Elisa da SILVA (D/UEG) ⁴

GT 07- ESTÁGIO SUPERVISIONADO

RESUMO

Este artigo objetiva compartilhar nossas experiências no ambiente escolar e nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio durante o período de Estágio Supervisionado III. Nossa observação e semirregência foram desenvolvidas em uma escola da rede Estadual de ensino na cidade de Inhumas – Goiás, em turmas de 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio. Aqui serão abordados aspectos importantes sobre a docência nesse período. Ressaltamos que, de certo modo, participamos das práticas pedagógicas do professor regente e da relação entre professor/aluno, aluno/ professor de maneira que pudemos refletir sobre a teoria apreendida durante todo o curso de Letras. Este trabalho é fundamentado nas teorias de Antunes (2009), Bauman (2007), Brossi e Silva (2016), Jorge (2009) e Pessoa e Hoelzle (2017). Nessa relação simultânea entre o aluno e o professor, intermediadores do conhecimento, nós refletimos sobre a importância do ensino de línguas levando em consideração a realidade de mundo dos alunos, bem como o favorecimento de seus processos de autonomia, para que possam mostrar suas vozes. Esperamos que nosso estudo seja usado como um norte para outros licenciandos, efetivando levantamentos de questões e reflexões sobre o processo de observação e semirregência no Estágio Supervisionado em Língua Inglesa.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Ensino Médio. Estágio Supervisionado III. Autonomia. Reflexões.

¹ Graduando do 7º período do curso de Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas - UEG Campus Inhumas. E-mail: isaac-silveira@hotmail.com

² Graduanda do 7º período do curso de Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas - UEG Campus Inhumas. E-mail: laodiceiaapp@gmail.com

³ Graduando do 7º período do curso de Letras - Português/Inglês e suas respectivas literaturas - UEG Campus Inhumas. E-mail: rogeralmeidaueg@gmail.com

⁴ Valdilene Elisa da SILVA, E-mail: valdileneelisa@hotmail.com especialização em Metodologia do ensino superior pela UEG; mestrado em Letras Linguística pela UFG; professora de Língua Inglesa e Orientação para o Estágio de Inglês na UEG Câmpus Porangatu, Pires do Rio e Inhumas.



1. REFLEXÕES ACERCA DA TEORIA/PRÁTICA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.

Este artigo apresenta os dados coletados nas etapas de observação e semirregência do estágio supervisionado de língua Inglesa. Serão expostos dados relevantes sobre a trajetória da docência em sala de aula, bem como as reflexões sobre essa prática, evidenciando a importância desse espaço dentro da universidade e do contato, ainda que mediado, pelo (a) professor (a)-orientador (a) de estágio, permitindo aos estagiários aprimorar habilidades e competências de conteúdo prático em complemento aos conteúdos teóricos do curso.

As ações de observação e semirregência foram desenvolvidas em uma escola da rede Estadual de ensino na cidade de Inhumas - Goiás, em turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. A primeira etapa, realizada no dia 12/03/2018, permitiu-nos ter uma visão ampla do ambiente escolar bem como do corpo docente e a verificação de sua estrutura física e administrativa. Já a segunda etapa, realizada nos períodos de 16/04/2018 ao 26/04/2018, nos possibilitou conhecer as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor em suas aulas.

Em média as salas possuem cerca de 20 a 30 alunos, na faixa etária aproximada de 14 a 20 anos. Encontramos nestas salas alunos com necessidades especiais, cerca de 5% com laudos, que contam com o auxílio de um professor de apoio que os acompanha durante as aulas.

O ambiente físico da escola mostrou-se bem organizado, sendo resultado da colaboração tanto pela parte dos alunos quanto pela dos funcionários. Os espaços são bem ventilados e iluminados. Poucas salas possuem sua estrutura física reduzida ocasionando numa superlotação. A escola conta com sala dos professores com banheiro incluso, quadra poliesportiva coberta, secretaria, cantina, laboratório de informática - este espaçoso, porém pouco usado devido à falta de um profissional para o local e manutenção em alguns computadores. Há uma biblioteca com um bom acervo bibliográfico, porém não há um (a) bibliotecário (a), deixando a desejar no seu funcionamento e atendimento aos alunos. A escola possui alguns recursos midiáticos como som, TV LED, DVD e Data show, embora não fosse notado muito uso desses.



Ao descreveras ações pedagógicas e didáticas observadas, podemos confrontar com as práticas condicionadas pelo sistema e também reconstruir as ações desenvolvidas em sala de aula. Desse modo, poderemos refletir e questionar sobre a prática docente sendo de suma importância para futuras ações na área, trazendo implicações satisfatórias e construtivas para os nossos futuros alunos tanto no período da regência quanto em nosso futuro como educadores formadores de opiniões.

As observações de 14 aulas nos permitiram conhecer as práticas pedagógicas e metodológicas do professor regente, os conteúdos ministrados nas disciplinas de língua Inglesa, perceber a participação e produção dos alunos bem como seus desafios, dificuldades e anseios. O comportamento dos discentes em sala foi considerável, não havendo, assim, dificuldades extremas na interação aluno/professor nas atividades propostas pelo regente.

De modo geral, as aulas assistidas acompanhavam a correção do livro didático *AliveHight* que foram realizadas expositivamente. As correções eram discutidas e debatidas durante a aula com o professor sempre instigando aos alunos nas respostas. Notamos o interesse dos alunos nas aulas, porém observamos algumas dificuldades com o vocabulário do livro didático. A cultura americana poderia ser um atrativo para o ensino da língua, afinal, as queixas de alguns alunos são que o conteúdo é descontextualizado. O livro precisava atender as necessidades de aprendizado, e ainda, seus objetivos deveriam ser de acordo com o nível de conhecimento de língua deles.

O material didático usado está voltado para as habilidades de *writing*, *reading* e *listening*, deixando um pouco a desejar o *speaking*. Quanto à participação dos alunos nessas atividades, alguns até se esforçaram para realizá-las, mas percebemos que parte deles ainda encontra dificuldades com a escrita e leitura de seus textos em inglês. Foi nítida a timidez diante da dificuldade em participar oralmente, sendo importante dizer que essas limitações interferem bastante no processo de aprendizagem dos alunos em questão. O regente, contudo, percebe que as outras habilidades devem ser consideradas e as incentiva. Essa não é uma tarefa simples, pois muitos alunos se sentem envergonhados ou até se acomodam preferindo, assim, apenas ouvir, sem interação direta com a atividade.

Isso faz com que seja ainda mais importante a intervenção do professor na tentativa de envolver e chamar seus alunos para participar do processo de ensino-aprendizado. O benefício



é sentido por parte dos estudantes, que se envolvem melhor com a Língua e consequentemente aprendem mais. Por parte do professor, que tem um bom retorno de seu trabalho e por parte da escola, que conseguirá oferecer um conhecimento necessário e de maior qualidade formando melhores cidadãos.

Em outra sequência didática ocorreu a correção de uma lista de atividades elaboradas pelo professor regente. A lista contemplava um texto intitulado: *Five ways to fight depression*, seguida de uma sequência de atividades. Nessa lista também havia a letra de um *Blues de Albert King: I'll play the blues for you*, que abordava o tema depressão, e o professor usou a habilidade de *listening* com atividade de completar as lacunas na letra da música. Surpreendemos com a boa recepção dos alunos diante do estilo musical proposto.

Essa lista de exercícios foi elaborada complementando o conteúdo do livro didático que abordava o tema depressão. Essas aulas foram bem marcantes na nossa semirregência, pois notamos o envolvimento e interesse dos alunos. O professor regente contextualizou bem o tema, compartilhando com os alunos sua própria experiência.

Percebemos que essa atitude do professor proporcionou uma interação de afetividade entre professor/aluno, aluno/professor. Muitos alunos disseram conhecer alguém nessa situação de depressão, o que nos fez refletir que talvez fosse o pai, a mãe ou até mesmo o próprio aluno.

Notamos uma segurança e conhecimento do professor sobre o assunto. Interessante ele ter contextualizado com seu exemplo, com a sua vivência sobre o assunto, promovendo um diálogo com a realidade daqueles alunos. Diante disso podemos afirmar que se trata de alguém comum, o professor que eles têm contato todos os dias, alguém palpável e alcançável, não um artista de cinema ou um ator global.

Nessas aulas observadas, nossa colega de estágio Laodicéia Ferreira, também se identificou com o tema, sentindo-se comovida com a contextualização do professor e a interação dos alunos. Assim, baseado nessa experiência e no vocabulário trabalhado pelo professor, ela fez o poema *Blood Birds*, anexado ao final desse tópico. O professor regente declamou o poema para os alunos, que ouviram com atenção e perguntaram seu significado ao professor, ao final ele apresentou a autoria.

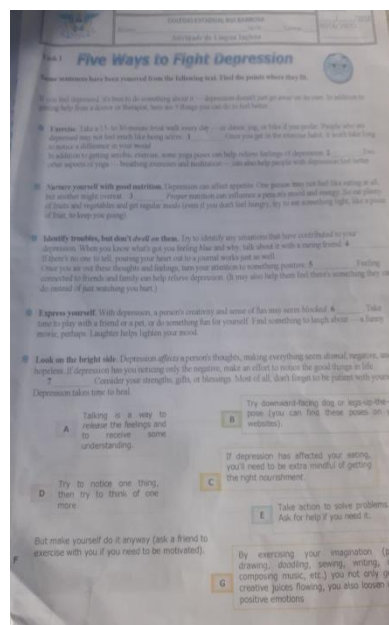
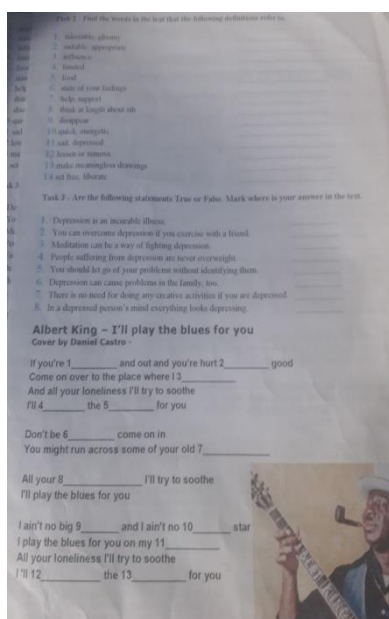
Hoje vemos que pessoas ainda não se sentem à vontade para falar sobre depressão,



pedir ajuda ou até mesmo buscar compreendê-la. A sociedade ainda faz com que as pessoas sintam medo ou vergonha de reconhecer que sofrem com essa doença, e é exatamente isso que dá ainda mais poder para que ela destrua vidas. Com isso, os alunos refletiram que a depressão é uma doença que atinge cada dia mais pessoas, e cada vez mais jovens, podendo ser resultado da era tecnológica que estamos vivendo que acaba tornando as sociedades cada vez mais líquidas em suas relações. Sobre o termo líquido, Bauman (2007, p.7) esclarece:

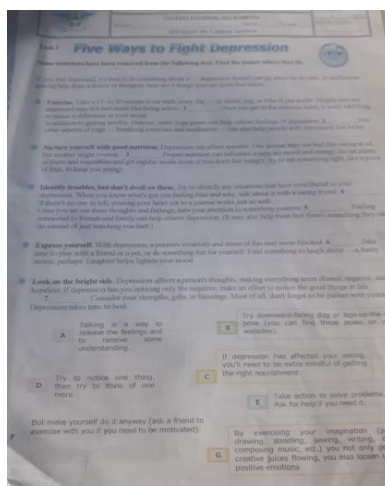
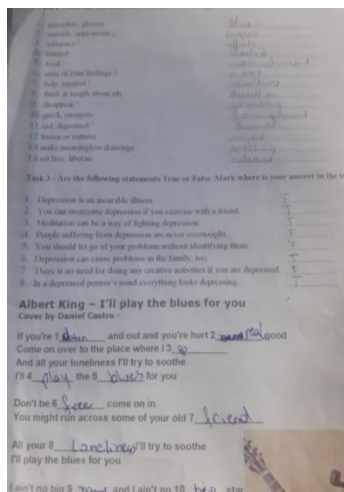
A passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais [...] não podem mais manter sua forma por muito tempo [...], pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las [...].

O escritor trata em seu livro -Tempos Líquidos- os desafios que a “globalização negativa”, determinada por ele como um “processo parasitário e predatório” pode causar em nossa sociedade: um verdadeiro reboiço na vida das pessoas. Para o autor essa sociedade moderna com toda a correria hodierna, e o rápido desenvolvimento acabam fazendo com que as coisas mudem cada vez mais rápidas dificilmente permanecendo estáveis. A seguir, podemos observar as atividades de um dos alunos e o poema *Blood Birds*:



Atividades de Língua Inglesa *Five Ways to Fight Depression*

19/04/2018



Atividades de Língua Inglesa proposta no ensino médio

Five Ways to Fight Depression 19/04/2018

Blood Birds

Blood birds fly

In my gloomy mind

They are silent

But aren't blind.

They don't wanna disappear

The black wings float

In my blood sick

And I can't disagree.

By Laodiceia Ferreira da Silva

19/04/2018



2. CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO EDUCACIONAL, CRÍTICA E EMANCIPATÓRIA DO ALUNO EM LI

A importância de promovermos a aprendizagem da língua inglesa ao aluno é que dessa maneira, permitimos seu acesso a novas fronteiras do saber, como por exemplo, da cultura, em viagens ou acesso à internet, informações textuais, outdoors, letras de canções e promovendo a criticidade por meio da política.

Segundo Jorge (2009, p.163):

O caráter educativo do ensino de uma LE está nas possibilidades que o aluno pode ter de se tornar mais uma diversidade que constitui o mundo. As múltiplas possibilidades de ser diferente, seja pela cultura, seja pelas identidades individuais, podem fazer com que o indivíduo se torne mais consciente de si próprio, em relação a seu contexto local e ao contexto global.

Para muitos, a autonomia significa liberdade e independência, autonomia para um sujeito capaz de reger suas escolhas de forma reflexiva, ou seja, um indivíduo consciente e protagonista de sua própria história e evolução, como futuros educadores devemos nos mobilizar no sentido de dar ferramentas aos nossos alunos para que possam se tornar autônomos, ou seja, é fundamental que o professor utilize estratégias e promova meios facilitadores desta aprendizagem.

Pode ser usado como exemplo de incentivo à autonomia uma sequência didática que o professor corrigiu uma atividade de *homework*, e a contextualizou fazendo algumas advertências. Em seguida ele perguntou aos alunos sobre *e-mails*, o que é?, quem possui?, você usa? Contudo, alertando para os perigos vigentes da internet, como vírus, roubo de dados e identidade, *spams*, páginas falsas, pessoas mal intencionadas, espionagem e vazamento de informações íntimas.

Como educadores devemos desenvolver em nossos alunos um conhecimento que vai além do conhecimento ritualístico e mecânico; temos que incentivar a participação ativa e consciente por meio de atividades que motivem e contextualizem suas realidades. Nas várias aulas às quais assistimos, o professor tentava atrair a atenção dos alunos para que estes ao



menos tentassem responder não com o intuito de sempre acertarem, mas ao menos tentarem. Ao final da aula o professor comentou conosco sobre não compreender essa realidade das turmas, uma vez que estavam em ano de ENEM e despedida do Ensino Médio, no caso do terceiro ano.

Como estagiários, percebemos que os alunos também notam os problemas no processo de ensino. Como por exemplo, já citado, a descontextualização do conteúdo com a realidade do aluno e ainda, descontextualizados dos reais usos da linguagem na sociedade, sendo um problema presente nos livros didáticos que não atendem objetivos linguísticos - como o conhecimento de novas culturas, o uso social-interativo da linguagem, e outros objetivos que não sejam apenas usar conhecimentos textuais e estruturais em provas.

Talvez seja essa descontextualização entre língua apresentada para eles com um foco maior em uma escrita distante dos seus usos reais – com o mundo do aluno, que faça com que eles se sintam ainda mais distantes da língua inglesa, algo que pode atrapalhar na própria habilidade de *writing*.

3. O ENSINO DE LI E A SUAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Na relação professor /aluno /ensino crítico, para uma aprendizagem em sala é fundamental que o regente proponha um diálogo inicial à turma, que dê a seus alunos uma certa autonomia de expressar suas opiniões num momento de troca de saberes, para que eles não possam ser considerados apenas recipientes ou depósitos de informações em sala.

Outra questão que pode ser um obstáculo no aprendizado da língua inglesa, talvez seja a própria ideia de língua concebida pelos livros didáticos e currículos escolares, que veem a língua inglesa apenas como instrumento para aprovação em cursos superiores ou para a entrada no mercado de trabalho, excluindo assim os demais usos do inglês.

Além disso, a sistematização da escola, no que diz respeito à concepção de língua, faz com que os alunos sejam tratados como afásicos, o que promove uma prática de ensino descontextualizada, artificial e instrumental, como podemos perceber em algumas atividades de *listening* em CDs e *writing* presente em pequenos diálogos nos livros didáticos, as quais



reproduzem um inglês que quase nada tem a ver com o falado nos países que têm ele como língua oficial, criando quase que um novo idioma. O que faz com que o ensino pareça aos olhos dos discentes algo que eles consideram inútil por não saberem aonde irão utilizar tal aprendizado.

Assim, para Antunes (2009, p.21) com um ensino voltado para os usos reais da língua, para seus usos interacionais com objetivos linguísticos contextualizados dentro da sociedade:

[...] a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos [...]; deixa de ser apenas um conjunto de regras ou conjunto de frases gramaticais, para definir-se como um fenômeno social, como uma prática de atuação interativa, dependente da cultura de seus usuários, no sentido mais amplo da palavra.

À luz de Pessoa e Hoelzle (2017), as autoras contrapõem os currículos que pensam a educação de uma forma homogênea para todo o país sem levar em consideração as diferentes culturas dentro de um mesmo território, afirmam que “os processos educativos estão imersos em contextos socioculturais”. Ainda bebendo das palavras de Biesta (2015) apud Pessoa e Hoelzle (2017, p. 786), os autores afirmam que:

[...] a educação é uma prática teleológica e engloba três domínios: 1) *qualificação*, que se refere à transmissão e aquisição de conhecimentos, habilidades e disposições; 2) *socialização*, que diz respeito ao conhecimento das tradições e formas de ser e saber, tais como as tradições culturais, profissionais, políticas e religiosas, conhecimento esse que nem sempre é explícito e geralmente reproduz estruturas, divisões e desigualdades sociais existentes; e 3) *subjetificação*, que concerne à maneira com que crianças e jovens se constroem como sujeitos de iniciativa e responsabilidade em vez de objetos das ações de outras pessoas.

Nesta relação simultânea o professor transmite o que sabe considerando os conhecimentos prévios e as experiências de mundo deste aluno, chegando assim a uma situação problema que desencadeia uma discussão e a solução pedagógica.

Para que o aluno aprenda o inglês, não basta apenas explicar e exigir que ele entenda a língua alvo e produza respostas assertivas. Para que ele aprenda é preciso conhecê-lo, despertar sua atenção, criar o interesse pela segunda língua estimulando seu desejo de conseguir os resultados e estimular sua progressão.

[...] a possibilidade de conhecer os educandos do ponto de vista sociocultural



nos permite propor práticas pedagógicas mais coerentes com seus desejos, sonhos, e principalmente, com a possibilidade de empoderá-los para que sejam sujeitos na construção de suas próprias histórias. (JORGE, 2009, p.167)

Quando realizamos o estágio nos terceiros anos, observamos um considerável desinteresse dos alunos diante da resolução das atividades a serem feitas nas aulas, mesmo sendo um período decisivo para as suas vidas, a citação acima pode explicar parte desse desinteresse. Talvez as práticas docentes a partir de um material didático elaborado pelo professor regente levando em consideração os pontos de vista socioculturais de seus alunos, podem propiciar um contexto de constituição de cidadania, identidade e empoderamento a eles frente às temáticas desenvolvidas e também a possibilidade de uma melhor apropriação da língua inglesa por meio de práticas que forem relevantes para suas vidas a relacionar escola e sociedade e, além disso, criar espaços de participação ativa e crítica.

É importante que o professor, ao planejar o processo de avaliação, escolha as técnicas e os respectivos instrumentos que mais se adequem aos objetivos educacionais propostos, levando em consideração as vantagens e limitações de cada um. O professor de língua inglesa não pode só considerar o “produto final”: Para avaliar o ensino/aprendizagem, é preciso também considerar o processo de construção deste aprendizado suas especificidades em sala. De modo que o professor seja o mediador desse processo contínuo do saber na aprendizagem de uma segunda língua.

Compreendemos que uma forma de mudar esse quadro apático, talvez seja a introdução de outras metodologias de ensino que envolvesse os alunos dinamicamente nas atividades. Sendo assim, no processo de aprendizagem em sala, as atividades, textos e mídias devem estar centradas na interação, com a mediação e intervenção do professor, essas atividades podem criar um ambiente colaborativo, em que os alunos ajudam uns aos outros e são levados a pensar em termos de uma independência positiva, individual e coletiva. Isso significa dizer que os alunos não agem competitivamente, mas cooperativamente em termos de grupo, o que ainda reflete nos posicionamentos e atitudes individuais tornando-o autônomo, seguro e liberto.



O processo de aprendizagem não pode (re)produzir o individualismo, mas sim o solidarismo, a cooperação, o trabalho em equipe, a vida em conjunto. Em uma sociedade como a nossa “o novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definhamento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda cuja outra face mostra os contornos nebulosos da “globalização negativa”. (BAUMAN, 2007, p.30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a etapa do estágio supervisionado foi muito importante para o nosso caminho como futuros professores, pois, durante esse processo colocamos em prática todo o conhecimento teórico que adquirimos durante a graduação. Além disso, como estudantes, discernimos determinadas situações no âmbito escolar e, ainda, entendermos a grande importância que tem o educador na formação pessoal e profissional dos alunos. Os posicionamentos sociais, os conhecimentos tecnológicos, seus pensamentos políticos e sua visão cultural do mundo que o cerca presta grande contribuição ao ensino em sala de aula, desde que administrados de forma crítica e reflexiva.

De acordo com Schlatter e Garcez (2012) apud Brossi e Silva (2016, p.209):

[...] o acesso a línguas adicionais na escola deve possibilitar ao/a educando/a: a) conhecer, participar e dar novos contornos à própria realidade; b) transitar na diversidade; e c) refletir sobre o mundo em que se vive e agir crítica e criativamente.

Assim, de acordo com Brossi e Silva (2016, p.208) “as aulas de língua inglesa na escola regular ultrapassam a função de contribuir com os aspectos conteudísticos e comunicativos, e cumprem o seu papel educacional de formar para a cidadania crítica”.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **A língua e a identidade cultural de um povo**. In: ANTUNES, Irandé. A língua, texto e ensino, outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BROSSI, Giuliana Castro; SILVA, Valéria Rosa da. **Ações pedagógicas voltadas para os**



letramentos críticos: uma proposta para o estágio supervisionado de língua inglesa. REVELLI v. 8 n. 3 Outubro /2016. P. 203-230. INSS 1984 – 6576. Dossiê Práticas de letramento e ensino de línguas na educação básica.

FREITAS, Marco Túlio de Urzeda; PESSOA, Rosane Rocha. **Discursos de identidades, ensino crítico de línguas e mudança social; análise de uma experiência localizada.** Campinas, SP: Pontes Editores; 2014

PESSOA, Rosane Rocha; Hoelzle, Maria José. **Ensino de Línguas como Palco de Política Linguística: Mobilização de Repertórios Sobre Gênero.** Trab. Ling. Aplic., Campinas, n. (56.3) : 781-800, set./dez. 2017.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na escola pública.** In: LIMA, Diórgenes Cândido de Ensino Aprendizagem de língua inglesa; conversas com especialistas- São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de Ensino; 11). p.163.